

## Responsáveis preocupados com futuro incerto do serviço Unidade da Dor do Fundão comemorou 10 anos de vida

Decorreu no Salão Nobre da Câmara Municipal do Fundão a sessão solene comemorativa do X aniversário da Unidade da Dor e Medicina Paliativa do Hospital do Fundão (Centro Hospitalar da Cova da Beira), numa organização que o Director da unidade interpretou como «sinal público de apoio e estímulo pelo trabalho realizado em prol dos doentes».

O Dr. Lourenço Marques recordou a criação, em 1992, daquilo que começou por ser uma consulta da dor - à semelhança da que já existia no IPO de Lisboa - e um caso determinante para a sua transformação em algo mais, uma unidade com internamento e cuidados paliativos. Foi em Maio desse mesmo ano que o jornal do do Fundão publicou um reportagem assinada pelo jornalista Fernando Paulouro, que trouxe a público «uma situação dramática acolhida na serra da Gardunha: "A morte dentro de casa num rosto a desfazer-se" era o título da história de um doente terminal entre o abandono e o desespero».

«Quisemos, então, criar uma unidade de tratamento de dor com algo de novo em Portugal, com internamento que pudessem acolher doentes em fim de vida», recordou o Dr. Lourenço Marques.

De acordo com o responsável, actualmente existe uma equipa multidisciplinar, com médicos, enfermeiros, assistentes sociais e voluntários. «Tratamos a dor e os seus sintomas, abordamos o doente na sua globalidade e procuramos pôr em prática medidas para que o doente viva com a dignidade possível até ao fim», defendeu. A Unidade da Dor integra consulta, internamento e apoio domiciliário, e recebe doentes da região Centro, em especial os indicados por hospitais e centros de saúde do distrito de Castelo Branco.

Em 2001, segundo dados apresentados pelo Dr. Lourenço Marques, foram ali tratados 153 doentes, realizaram-se 204 internamentos e faleceram 116 doentes, 101 dos quais na própria unidade. A propósito deste último valor, o médico frisou que «o número de doentes a falecer em instituições é cada vez maior». Desde 1993, a curva assistencial da unidade é crescente e destaca-se ainda mais depois de 1999, «o que significa que temos criado confiança quer no sistema de Saúde quer na própria população», concluiu.

**O X aniversário da Unidade da Dor e Medicina Paliativa do Hospital do Fundão foi assinalado por um evento que decorreu nos dias 22 e 23 de Novembro. No entanto, às comemorações não esconderam preocupações com o futuro da unidade. O Director, Dr. António Lourenço Marques, pediu «sinais claros de apoio» e incentivos «à formação de mais profissionais». Essa seria, no seu entender «a melhor prenda de aniversário» para a Medicina paliativa**



Em 2001, segundo dados apresentados pelo Dr. Lourenço Marques, na Unidade da Dor e Medicina Paliativa do Hospital do Fundão, realizaram-se 204 internamentos e faleceram 116 doentes, 101 dos quais na própria unidade

Questionado sobre qual o presente ideal de aniversário para a Unidade da Dor, o Dr. Lourenço Marques desejou «um sinal mais claro por parte das entidades competentes de que o que fazemos é importante» adiantando ainda a necessidade de «tratar mais doentes, não só alargando a acção do serviço, mas, sobretudo, avançando com a formação de mais profissionais para

esta área».

Na opinião do especialista, a Medicina paliativa surge do progresso da Medicina, é uma área de topo e não de retaguarda. «Há especialistas de Medicina paliativa na Inglaterra, no Canadá e nos Estados Unidos. Acredito que esse movimento também chegará a Portugal, não podemos é retroceder. E precisamos de sinais claros de que esta

Unidade do Fundão, que até é pioneira, seja reconhecida e avance sem qualquer restrição», terminou o Dr. Lourenço Marques.

### Sentido de humanidade

O Dr. Manuel Frexes, Presidente da Câmara Municipal do Fundão, considerou as palavras e a actuação do médico - bem como da sua equipa - um

«autêntico hino ao sentido de humanidade».

Concordando que, em matéria de Medicina paliativa ainda estamos muito aquém do que se faz na Europa, o autarca elogiou o «trabalho meritório» desenvolvido pelo Hospital do Fundão. Quanto ao futuro, aceitando que os objectivos do Centro Hospitalar da Cova da Beira sejam repensados, o Dr. Manuel Frexes apelou à

«manutenção da Unidade da Dor e do Serviço de Urgência do Hospital do Fundão».

Na sua intervenção, também o jornalista Fernando Paulouro evocou a sua «experiência limite de informação», que, disse, «obrigou o poder a fazer um acto de contrição envergado e a olhar por momentos para um drama que era, afinal, o retrato de um certo País».

«Depois destes 10 anos, façome algumas perguntas: Há nomes para a dor? Há palavras que traduzam a condenação do sofrimento abandonado na indiferença? Que responsabilidade pública existe face à dor?», questionou.

«Não há palavras nem nomes para a dor, mas, como há 10 anos, há dois olhos que me fitam e que são ao mesmo tempo a fala e o grito, a revolta e o desespero», acrescentou.

O jornalista do *Jornal do Fundão* apontou «hoje» a «mesma indefinição dos primeiros tempos da unidade. Parece que há uma fronteira entre o poder e a dor», reparou. «Que pensam fazer? Transformá-la numa liturgia consolatória de retaguarda ou dar-lhe um futuro através de um presente em que exista algo mais do que números?», questionou.

Outro convidado para sessão comemorativa foi o escritor Dr. António Salvador, que declarou um poema da sua autoria sobre a dor. «A companheira certa, a cama que os ouvidos têm cerrados às palavras do luto antecipado», assim definiu a dor «de chicote na mão, alheia ao pranto, com risos de desdém», no entanto, «em nós, a confiança timidamente brilha, permanece, como estrela persiste, firme, aguarda que a esperança reavive a parte do regresso aos rios verdejantes, aos pomares do breve paraíso que foi nosso».

A inauguração de uma exposição sobre os 10 anos de vida da unidade no átrio do hospital, um jantar e um concerto seguiram-se no programa das comemorações. O evento incluiu ainda, no dia seguinte, a realização de uma mesa-redonda sobre «A importância, o lugar e o funcionamento dos cuidados paliativos no sistema de Saúde», e a conferência intitulada «O dever de aliviar a dor e o acesso aos opióides».

Alice Oliveira

**Dr. Lourenço Marques: «Há especialistas de Medicina paliativa na Inglaterra, no Canadá e nos Estados Unidos. Acredito que esse movimento também chegará a Portugal, não podemos é retroceder. E precisamos de sinais claros de que esta Unidade do Fundão, que até é pioneira, seja reconhecida e avance sem qualquer restrição»**



**«Tratamos a dor e os seus sintomas, abordamos o doente na sua globalidade e procuramos pôr em prática medidas para que o doente viva com a dignidade possível até ao fim», salientou o Dr. Lourenço Marques**